

## Epílogo

Otávio Velho\*

### Resumo

Este posfácio é um comentário da obra de Tim Ingold. Está fundado sobre a necessidade de fazer uma leitura deste autor britânico numa chave latinoamericana.

**Palavras chave:** Tim Ingold, Latinoamerica, cultura material.

### Abstract

This afterword is a Tim Ingold work's commentary founded on the importance of reading the work of the British author in a Latin American key.

**Key words:** Tim Ingold, Latin American, material culture.

Parece que finalmente está começando a se dar o encontro entre Tim Ingold e os antropólogos latino-americanos. Por um lado, algumas viagens em curto espaço de tempo da parte de Ingold a esta parte do mundo. E por outro, iniciativas como a deste dossier e a recente notícia de que *Being Alive* será traduzido no Brasil graças aos esforços de Carlos Steil da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. É um encontro protelado, posto que por muito tempo Ingold parecia dirigir-se quase que exclusivamente a um público europeu e norte-americano. Mas Ernesto Sábato já sugeriu que nós, os “bárbaros” latino-americanos, herdeiros da cultura latina e francesa, mas descendentes da *periferia* da Europa, que não conheceu um Renascimento racionalista e científico, habitantes que somos de um continente novo e desmesurado, estamos mais aptos para sentir e compreender gente como Nietzsche, Dostoievski, Tolstói, Kierkegaard, Strindberg e Kafka (1982:127). Quem sabe não se poderia agregar Ingold a esta lista de autores intempestivos e excêntricos? Pelo menos eu já o vi reclamar de não ser lido por seus colegas britânicos, o que pode representar uma motivação para esse esforço de aproximação. Esforço que certamente terá lhe parecido promissor dado o encontro já havido com antropólogos latino-americanos como os que participam deste dossier. Dossier cuja preparação - que devemos a Rolando Silla – se associa a um interesse comum pelo trabalho de Ingold que teve o efeito de reuni-los, vindos de

---

\* Professor emérito da Universidade Federal de Rio de Janeiro (Museu Nacional); pesquisador *senior* CNPq.

distintos países (Argentina, Brasil, Chile, Colômbia), de um modo que talvez de outra forma não se desse.

Embora preferencialmente dirigida até agora a um público do Primeiro Mundo, a obra de Ingold está salpicada de observações críticas à sociedade moderna ou ao “dualismo ontológico do pensamento ocidental”. Observações que ele tem preferido não sistematizar, mas que são intrigantes. E que no texto aqui traduzido particularizam-se numa reação ao que seria uma excessiva polarização entre mente e matéria que, segundo ele mesmo, tem marcado gerações de teóricos. Reação que de certa forma desafia a ideologia individualista moderna; por exemplo, ao afirmar no texto aqui traduzido que as coisas estão na vida, ao invés de a vida nas coisas. Postura que ele associa a um animismo reavaliado, tal como praticado por muitos povos conhecidos dos antropólogos. E a partir de cuja sabedoria pretende elaborar uma filosofia de vida realizada no mundo, que permita: “... dissolver o dualismo recebido entre sujeito e objeto, e isso significa – pelo menos para antropólogos – levar a sério o que muitos povos não-ocidentais (bem como uma persistente contra-corrente no interior da própria filosofia ocidental) têm tentado nos dizer há algum tempo” (Ingold, 1991:356).

Estaríamos, então, surpreendentemente próximos do que afirma um grupo de cientistas sociais falando a partir do Sul da Ásia:

“As fontes civilizacionais dissidentes no interior do Ocidente permaneceram subordinadas, marginalizadas e tão subutilizadas a ponto de se tornarem quase vestígios na consciência de seus membros (...) Elas [hoje] só podem sobreviver fora do Ocidente (...) Pois se o Ocidente possui uma teoria do Outro, o Outro agora também desenvolveu suas próprias teorias do Ocidente” (Nandy, 1993:85).

Afirmção ousada, mas que pelo menos constitui para nós um desafio estimulante num esforço de crítica a nosso enraizado eurocentrismo. Mas que ao mesmo tempo faz justiça à contra-corrente referida por Ingold e a que um desses pensadores, o indiano Ashis Nandy (2006), tem se referido de uma forma mais geral como o “Outro Ocidente”, reconhecido como aliado potencial numa nova coalisão capaz de pensar o mundo em bases não subordinadas aos cânones do Iluminismo, ao contrário do que Nietzsche já reclamara no caso do Romantismo personificado em Wagner.

Creio que os trabalhos aqui reunidos caminham nessa direção. Pois eles não apenas aplicam ideias de Ingold sobre a cultura material, mas *dialogam* com ele num sentido forte. A começar por uma aproximação - *malgré* Ingold - entre domínios que ele

considera à parte: a antropologia e a etnografia (2011:229). E que permite *insights* valiosos a partir de sua obra, além da valorização de nossos “outros internos” como parceiros, para além de seu tratamento como objetos. Por outro lado, não creio que a comida e suas transformações, tal como são tratadas por Miriam Rabello em ambiente do candomblé, por exemplo, fossem um veio que naturalmente ocorreria a Ingold para lidar com os materiais. Embora significativamente ele já tivesse sugerido que ao invés de tratar o mundo dos materiais como um grande museu ou loja de departamentos, melhor seria imaginá-lo como “uma grande cozinha, bem abastecida com ingredientes de todo tipo” (Ingold, 2012:35). E certamente isso traz uma dimensão insuspeitada para a discussão e para as possibilidades de ação, bem como uma excelente demonstração sobre como se deve restituir as coisas aos fluxos de materiais dos quais brotam, apontando na direção de uma filosofia de vida. Tal como o faz a *perda* de agência afirmada por Míriam; noção que não por acaso Ingold repudia e denuncia como ilusória.

Também não creio que flua diretamente de Ingold a relação estabelecida por Giraldo Herrera entre sistemas políticos e práticas cotidianas. Ou entre o trabalho dos cordoeiros e os valores da sociedade nórdica, que me parece estabelecer um plano intermediário mediador entre a sua ação cotidiana e uma filosofia de vida. Ingold lida pouco com as questões da política e das culturas particulares, por receio da razão dualista e da paralisação do movimento. Mas nós aqui, devidamente alertados, talvez não possamos deixar de correr o risco; e quem sabe, assim, não acabemos nos reencontrando com a boa política e a boa prática da interculturalidade.

Igualmente a discussão de Cristián Simonetti sobre a conceptualização do tempo e do espaço no estudo do passado parece remeter à crítica contemporânea ao historicismo, sobretudo ao apontar para a transfiguração do passado na direção da abertura do futuro, mais desenvolvida por outros parceiros dessa coalisão invisível (Nandy, 2012: 83/109). Assim como a sua revalorização de uma espécie de história conjectural – aparentemente enterrada pelo empirismo inglês - e de um paradigma indiciário, uma vez controlado o dualismo sujeito-objeto por via do trabalho da memória e da imaginação de um modo multissensorial que dissolva a tensão entre descoberta e construção, como proposto.

Ingold quer pensar a vida como movimento. Creio que aqui estamos diante de um bom exemplo de como é importante esse modo de ver as coisas. Ler Ingold é por si vivificador, como nessa espécie de apologia dos materiais contra a *concretude fora do*

*lugar* (para utilizar una expresión de Alfred Whitehead adoptada por Ingold e antes dele por Gregory Bateson) da materialidade no discurso abstrato dos teóricos. Espero que o bom exemplo desse dossier frutifique e nos traga mais boas razões para se apostar nas práticas e na vida através desse instigante diálogo. Ele insiste em que “... o problema da agência nasce da tentativa por parte dos teóricos de reanimar um mundo de coisas já morto ou tornado inerte [por eles] pela interrupção dos fluxos de substância que lhe dão vida” (Ingold 2012: 33). Mas admite que a engenharia pode, de fato, bloquear de modo parcial e provisório o fluxo da vida na busca de um mundo de objetos discretos e bem ordenados, tal como o deseja a sociedade moderna (Ingold 2012: 36/7). Não seria o caso de lhe indagarmos se apenas a “engenharia” (por que, aqui, essa concretude fora do lugar?) pode se engajar nesse trabalho? Ou se o colonializador (interno ou externo), por exemplo, também não busca “matar” o colonizado, nem que seja – assim esperamos – com resultados também parciais e provisórios? E nesse caso, faz ou não diferença a operação de (auto)reanimação ou empoderamento desse último, seja qual for o nome que se dê a isso? Espero realmente que o diálogo possa prosseguir e, sobretudo, se expandir entre nós próprios, eventualmente levando a obra de Ingold (também em movimento) a desdobramentos inesperados. Em nome da vida.

### **Bibliografía**

- INGOLD, Tim (1991): “Becoming Persons: consciousness and sociality in human evolution”, en *Cultural Dynamics*, 4:3; pags. 355-378.
- (2011): “Anthropology is *not* ethnography” in *Being Alive: essays on movement, knowledge and description*, New York, Routledge.
- (2012): “Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais”, en *Horizontes Antropológicos*, Ano 18, No. 37. Porto Alegre. Págs. 25-44.
- NANDY, Ashis; y otros (1993): *The Blinded Eye; 500 years of Christopher Columbus*, Goa (Índia) The Other India Press/New York; The Apex Press
- (2006): *The Intimate Enemy*. Nova Déli. Oxford University Press.
- (2012): “History’s forgotten Doubles” in *The Romance of the State and the Fate of Dissent in the Tropics*. Nova Déli, Oxford University Press.
- SÁBATO, Ernesto (1982): *O Escritor e seus Fantasmas*. Editora Francisco Alves. Rio de Janeiro.

Recibido: 17/10/12. Aceptado: 17/11/12.